

A perversão do outro lado do divã

in *Destinos da Sexualidade*, Portugal, A. M; Porto Furtado, A; Rodrigues, G; Bahia, M, A;
Gontijo, T; (org.) São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 243-257, 2004.

Introdução

Partindo da premissa de Freud segundo a qual a perversão é ingrediente constitutivo do psiquismo humano, a proposta deste texto é de avaliar em quais circunstâncias nossas moções pulsionais perversas podem atravessar a condução do tratamento. Esta questão torna-se pertinente quando lembramos que qualquer modificação psíquica só ocorre por sugestão, apoiada na transferência positiva (amor).¹ Ora, por mais bem analisado que o analista tenha sido, ele não está livre dos efeitos de seu inconsciente, inclusive dos perversos. Assim cabe perguntar em que medida corremos o risco de responder perversamente às representações, conscientes e inconscientes, mobilizadas pela transferência? Como o analista, apoiado no poder que a transferência lhe confere, pode atuar de forma perversa, sobretudo no que diz respeito à agressividade? Lacan² sublinha que a agressividade deve ser compreendida a partir da experiência subjetiva pois, sendo um fenômeno de sentido, implica necessariamente um sujeito. Além disto, ela está sempre correlacionada com o modo narcísico de identificação: o outro, o diferente, o que nos remete à castração, constitui um alvo por excelência de nossa agressividade. Resumindo: somos agressivos por sermos castrados. Nesta perspectiva, a relação transferencial pode ser utilizada para manter o lugar de não-castrado que o analista acredita, imaginariamente, ocupar.

A perversão do outro lado do divã tem múltiplas faces: vai desde a imposição de uma teoria como defesa contra a escuta, passando por atuações concretas com pacientes, até nossa escolha profissional. Afinal, se somos capazes de estabelecer relações as mais pertinentes entre caminhos pulsionais e escolhas profissionais,

¹ FREUD, 1938, p. 203.

² LACAN, 1966.

deveríamos nos perguntar sobre nossa própria “escolha”: o que nos torna analistas?

Uma primeira dificuldade

Um primeiro ponto que chama a atenção quando falamos de perversão é que, diferentemente da neurose, o constructo teórico-clínico em torno desta manifestação da sexualidade varia consideravelmente de um modelo teórico para outro.³ Cada escola de psicanálise tem posições claras e definidas sobre o tema, fazendo com que o estatuto da perversão não obtenha consenso entre os psicanalistas. Por extensão, o manejo clínico dos casos ditos "perversos" também varia, o que coloca uma questão de fundo: em que medida os diferentes modelos teóricos facilitam, ou dificultam, a escuta do sujeito perverso? Pode a perversão estar na teoria quando esta é utilizada como defesa para justificar nossa dificuldade, ou até mesmo incapacidade, de escuta? Existe o risco de um sujeito ser considerado perverso quando é a teoria que não contempla esta especificidade pulsional?

Escutar o perverso é muito diferente de escutar o neurótico devido a maneira como ele nos afeta transferencialmente. Isto requer uma disposição outra do que a necessária no caso do neurótico pois há de se suportar o ódio que aparece na transferência como forma de agressividade, de desprezo e desdém, pelo trabalho e pela capacidade do profissional.⁴ A escuta do perverso exige um investimento particular do analista para acompanhá-lo passo a passo de volta pela tortuosa e repetitiva trilha da sexualidade pré-gênital até os pontos de fixação da libido.⁵ Juntam-se a isto suas atuações, que revelam o caráter infantil de sua sexualidade, e que podem por em jogo a possibilidade de mudança que o trabalho analítico pode propiciar. Como reagimos a isto?

Outro ponto a ser mencionado, embora não vá discuti-lo neste texto, é o fato de como a sociedade atual está cada vez mais assujeitada a uma ordem perversa. Assim, como podemos nós analistas que, evidentemente, estamos inseridos no

³ Em um texto, recentemente publicado, discuto a questão dos modelos em nossa prática profissional. Cf. CECCARELLI, 2004

⁴ STOLLER, [1975] 2000.

⁵ Em um texto de 1998 relato um caso clínico que ilustra bem esta situação. Cf. CECCARELLI, 1998a

social, escapar a esta organização perversa? Como isto afeta nosso trabalho clínico?⁶

Como vemos, várias são as entradas para discutirmos o tema proposto. No presente trabalho, centrarei minhas reflexões nas relações entre algumas formas de apresentação do sexual e a perversão do outro lado do divã.

O sexual na obra freudiana

A presença do sexual na obra freudiana vai gradativamente ganhando força e aparece em etapas sucessivas, com desdobramentos próprios e conseqüências particulares. No mínimo, quatro momentos, igualmente importantes, são detectáveis:⁷ 1- O sexual genital; 2- O sexual perverso; 3- O sexual dos Ideais; e 4- O sexual narcísico. Ao colocar a sexualidade como central, esta última passa a ter um lugar de destaque, único, tornando-se em uma dimensão específica da condição humana.

O sexual genital - a sexualidade genital – é o passo fundador da nova disciplina. Freud⁸ é categórico: são problemas sexuais que provocam as neuroses atuais. Estas últimas aparecem cada vez que a prática sexual se encontra travada ou exercida em condições adversas. Com estes pontos de vista, Freud separa-se de seus colegas da época, para os quais os transtornos genitais eram apenas um entre outros - transtornos alimentares, sociais, etc. - e, como tal, deveriam ser tratados pela repressão. Por ser inseparável da dimensão fantasmática, as irrupções o sexual genital na cena analítica estão sempre atreladas aos outros arranjos do sexual que discutirei a seguir.

O sexual perverso é o passo revolucionário da descoberta freudiana. Já em 1896, e no começo de 1897, Freud começa a interessar-se, através da análise das psiconeuroses em particular da histeria, pelas manifestações ditas perversas da sexualidade.

Como sabemos, a grande genialidade de Freud foi a de perceber as

⁶ Apresentei uma reflexão sobre a ética no II Fórum Mineiro de Psicologia Hospitalar. Cf. CECCARELLI, 2002b.

⁷ Abordo este ponto inspirando-me nas posições de Gérard Bonnet sobre o tema. Cf. BONNET, 1993..

⁸ FREUD, 1898.

semelhanças entre os fantasmas apresentados pelos pacientes histéricos, e as perversões descritas pelos clínicos da época. O que aparecia nas perversões estava mascarado nas psiconeuroses: a neurose é o negativo da perversão.

Enquanto a preocupação de seus predecessores era a de classificar, etiquetar, enfim, de traçar um minucioso inventário das perversões sexuais, rigorosamente dentro do discurso psiquiátrico, Freud opera uma passagem fundamental e inovadora quando afirma que as tendências perversas catalogadas pelos seus colegas como aberrações assombram o espírito humano, inclusive daqueles que as catalogaram, estando também presentes nas crianças: a sexualidade infantil é polimorficamente perversa.⁹ Sendo o inconsciente dos homens animado pelos desejos que os perversos põem em cena, as perversões deixam de ser algo que só eles – os perversos – exibem e passam a ser entendidas como constitutivas do psiquismo: "a se tratar cada homem segundo seu merecimento, quem escapará do açoite?"¹⁰

A perversão do outro lado do divã, a partir do sexual perverso pode ser observada em atuações por parte do analista. Ocorre quando, na revivência de complexos infantis, a cena de sedução é reatualizada pela transferência ganhando o primeiro plano. O próximo passo pode ser o envolvimento entre os protagonistas da nova cena, pois o par analista / analisando representa *para ambos* objetos proibidos, por incarnarem desejos incestuosos. Por isto, entendo esta forma de atuação como sendo da ordem da pedofilia: não é com o adulto que o analista está se envolvendo mas, antes, com a criança presente no adulto que procura análise, justamente para tentar elaborar uma vivência traumática a qual, uma vez mais, é atuada em vez de elaborada.¹¹ A culpa que acompanha o ato, devido a realização de desejos proibidos, muitas vezes impede que o analisando expresse sentimentos de ódio que lhe permitira reavaliar, ou mesmo abandonar, o tratamento. (Esta situação guarda semelhanças com aquela onde a criança, vítima de abuso sexual, não conta a sua mãe o que está acontecendo por medo de ser punida. Punida tanto pela realização de

⁹ FREUD, 1905.

¹⁰ Hamlet, final do segundo ato.

algo proibido quanto pelo prazer que esta realização propicia.)

Em certos casos, a reatualização de traumas infantis pode levar o sujeito a um estado de paralisia – não apenas psíquica mas também motora – pois a invasão de moções pulsionais geradas pelo retorno do recalco imobiliza o ego. Nesta situação, o agente causador do trauma, encarnado na figura do analista, tem total controle da situação. Isto pode ocorrer quando, por medo e não por idealização, o sujeito faz todo o possível para não despertar a ira que outrora sofrera, e que supõe estar presente no analista. Muitas vezes, este estado de coisas é erroneamente interpretado (por defesa?) como gozo.

Ao mesmo tempo, é curioso constatar como as atuações de analistas eram tratadas, e mesmo toleradas, pelo pai da psicanálise. Basta lembrarmos dos casos famosos como o de Jung e Spielrein, Ferenczi e Elma, e o de Jones e Kann. Na conhecida carta a Jones, datada de 14 de janeiro de 1912, Freud, sabendo da impulsividade sexual de Jones escreve: "Lamento muito que você não seja capaz de controlar tais tendências, conhecendo bem, ao mesmo tempo, as fontes de onde se originam todo este mal".

Sobre as incertezas de Jung, que provavelmente esperava represálias de Freud em relação ao seu comportamento com Spielrein, encontramos, na carta de 7 de junho de 1909, um Freud bastante compreensivo:

Tais experiências, embora dolorosas, são necessárias e difíceis de serem evitadas. É só depois que se conhece a vida e com o que estamos lidando. A mim mesmo, é verdade, nunca aconteceram estas coisas, mas cheguei muito perto disto várias vezes e "sai pela tangente". Acho que foram unicamente as demandas do meu trabalho e o fato de eu ser 10 anos mais velho que você quando comecei com a psicanálise, que me salvaram de tais experiências. *Mas nenhum mal duradouro advém daí.* [o grifo é meu] Tais fatos, ajudam-nos a desenvolver a pele dura que necessitamos para tornarmos mestre da "contra-transferência" a qual, no final das contas, é um constante problema para nós, e que nos ajuda a colocar nossos afetos nos lugares certos. É um dádiva disfarçada.

Talvez, estas atitudes de Freud refletissem suas opiniões em relação à ética:

11 Temos aqui a definição de perversão dada por Joyce McDougall: "impor a imaginação erótica [a do analista] a um outro que não consentisse nisto ou que não fosse responsável [à "criança" presente no analisando]". Cf. McDOUGALL, 1997, p. 192.

Ética é algo remoto para mim.... Não perco muito meu tempo sobre o bem e o mal, mas tenho encontrado muito pouco "bem" entre os humanos de modo geral. Na minha opinião a maioria deles nada valem, independentemente do quanto publicamente defendem esta ou aquela doutrina ética ou nenhuma delas. Se formos falar de ética, eu a considero como um grande ideal do qual a maioria dos seres humanos que tenho encontrado distanciam-se lamentavelmente.¹²

Seja como for, a realização de fantasias proibidas e incestuosas pode levar à auto-destruição tanto do analista quanto do analisando, pois os fantasmas presentes nestas situações vão muito além da sexualidade em si, revelando restos não elaborados de análise. O caso Jung-Spielrein, que quase destruiu a carreira de Jung e levou Spielrein às bordas do desespero, retrata de forma exemplar as conexões entre morte e sexualidade presentes no relacionamento entre os dois. Segundo Gabbard e Lester,¹³ provavelmente devido a ressentimentos em relação a sua mãe, Jung interessava-se, nesta época, aos arquétipos de mães potencialmente incestuosas e destrutivas responsáveis pela descida mitológica do homem à profundezas abissais. Na mesma ocasião, Spielrein pesquisava sobre a inevitável presença da destruição para a realização do amor: os textos de Jung e de Spielrein se complementavam admiravelmente.

Outra forma de manifestação desta sexualidade corresponde à passagem da perversão sexual ao sexual perverso. Como vimos, a análise das psiconeuroses permitiu a Freud dizer que nas perversões sexuais as pulsões inconscientes – as mesmas que nos neuróticos produzem sintomas – aparecem à luz do dia provocando choque e constrangimento. Testemunhas da fixação de uma pulsão parcial, a perversão é vivida pelo sujeito como algo que o controla e sem o quê a satisfação sexual não é alcançada.

No caso do sexual perverso, as pulsões apresentam-se de maneira bem mais disfarçadas, fazendo irrupção nas situações mais inesperadas. O objetivo desta legião de pulsões é simples: o prazer; o prazer imediato e ao menor preço possível. O

¹² GABBARD e LESTER, 1995, p. 81.

¹³ GABBARD e LESTER, 1995.

objeto destas pulsões múltiplas e anárquicas é o que há de mais intercambiável, parcial, e instável: o que conta é a obtenção de prazer. Pouco importa que ele seja adulto ou criança, humano ou animal, vivo ou inanimado: tudo é bom dependendo do lugar e das circunstâncias.¹⁴ Dito de outra forma: enquanto nas perversões sexuais observa-se uma organização em torno de uma pulsão parcial fixada a uma forma monótona e repetitiva de satisfação, no sexual perverso, ao contrario, tudo é bom desde que a pulsão seja satisfeita: o sexual perverso prescinde de qualquer fixação libidinal.

As manifestações do sexual perverso mostram o que o desejo humano é capaz de fazer na sua busca de satisfação. O que mais nos choca é que ele atinge pessoas comuns e não, necessariamente, os perversos sexuais: ninguém está ao abrigo desta forma de sexualidade. Sua eclosão pode ser observada de forma privilegiada em situações extremas – guerras, atos de torturas em regimes totalitários – onde, sob sua égide, pessoas pacíficas são capazes das maiores atrocidades e atos de crueldade contra aqueles que, até bem pouco tempo, eram conhecidos, vizinhos, amigos.¹⁵

Manifestações de puro sadismo ocorrem em ocasiões onde a pulsão não está atrelada ao fantasma. Sem este último, uma moção pulsional destrutiva não tem possibilidade de ser modificada para ser vivenciada como, por exemplo, em um jogo erótico, ou na atração que exercem certos programas de televisão onde captados em um misto de horror e fascínio não conseguimos desviar o olhar.¹⁶

Ainda que os fantasmas propiciem uma montagem "aceitável" para dar vazão à moções perversas, separar fantasma e pulsão para, em seguida, analisá-lo constitui um dos momentos mais difíceis e cruciais do trabalho analítico, pois aí a resistência é máxima. Sem a mediação fantasmática o sujeito é colocado frente a frente com a pulsão em estado puro e com o potencial destrutivo que ela abriga. Potencial este que, por vezes, está em oposição direta aos padrões estéticos tão caros à civilização.

14 O mais importante que Freud denuncia aqui foi, e continua sendo, a ideologia que por trás da categorização, em vigor até hoje, de "perversão". Cf. CECCARELLI, 2000.

15 Situações deste tipo, noticiadas pelos meios de comunicação, ocorreram na recente guerra da Bósnia. Da mesma forma, a frieza dos torturados durante os regimes ditatoriais atestam a presença do sexual perverso.

¹⁶ CECCARELLI, 1998b.

Exemplos não faltam onde a dificuldade em elaborar a perda de um objeto altamente investido deve-se tanto ao ódio e ao sadismo em relação ao objeto, quanto aos fantasmas masoquistas relativos a esta perda, que se misturam com a dor do luto. Elaborações de lutos identificatórios carregados de destrutividade contra o objeto exigem do analista a disposição para acompanhar o sujeito em uma minuciosa análise de suas escolhas objetais. Frente a transferência impregnada da virulência do sexual perverso que se vê ameaçado de perder seu objeto de satisfação, o analista pode ter atitudes que impeçam que o sujeito vivencie seu ódio sem sentir que este último ameaça tanto a si mesmo quanto ao analista.

Nossas escolhas profissionais podem ter ligações com o sexual perverso. Para Freud,¹⁷ lembremo-nos, os grandes pesquisadores que se interrogam sobre as origens, seja do universo ou da vida – e eu acrescentaria, dos processos de subjetivação, do psiquismo, da construção da psicosexualidade – todos eles estão reatualizando, via deslocamento e sublimação, suas pesquisas sexuais infantis. Nesta perspectiva, não podemos deixar de nos perguntarmos sobre nossa escolha profissional. Se, rapidamente, somos capazes de reconhecer a ligação entre o artista e o exibicionista, entre o cirurgião e o sádico e outras tantas, deveríamos nos interrogar sobre as raízes libidinais sustentam nossa escolha profissional. Até aqui pouca coisas pode ser feita, pois nossos encontros são sempre reencontros. Porém, é necessário estarmos atentos até onde levamos nossas pesquisas sobre as "teorias sexuais infantis", ou seja, qual o limite ético a ser respeitado na escuta? Sem este questionamento nossa escuta corre o risco de transformar-se em uma ávida tendência voyeurista - uma expressão do sexual perverso - embutida na regra fundamental de que tudo deva ser dito. Em que medida a cena analítica pode ser usada para que, através do analisando, o analista explore os "pontos cegos" de sua análise? ou ainda, para que ele repita ativamente o que sofreu passivamente? Talvez, o desejo de nos tornarmos analistas, assim como nossa curiosidade pelos mistérios da mente, originaram-se em nosso sofrimento psíquico.¹⁸ Alguns autores sustentam que as

¹⁷ FREUD, 1908, p. 218.

¹⁸ McDOUGALL, 1997, p. 231 e seg.

monumentais descobertas de Freud devem-se a sua coragem e honestidade em não recuar, como seus sonhos o indicam, frente a seus problemas sexuais. Afinal, de onde vem a fascinação de Freud pelo erotismo humano?

À medida em que avançava em suas pesquisas, Freud se dava conta de um outra forma do sexual que ocupa um lugar de destaque no psiquismo humano: o **sexual dos Ideais**. Sendo um "Ideal", pouco importa que seu objeto seja real, fictício ou imaginário. O amor pelos líderes, pelos mestres, ou os vínculos que unem os humanos, nutrem-se deste sexual.¹⁹ Os fenômenos coletivos, onde ocorre uma ligação libidinal entre as massas e o líder, sustentam-se graças a esta forma de sexualidade. A situação amorosa talvez seja sua manifestação extrema. Nela "o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego em nós mesmos".²⁰ Este sexual é também utilizado na criação de demandas de consumo onde objetos são apresentados como referências identificatórias: produz-se, desta maneira, a ilusão de que os possuindo, comprando determinados produtos, torna-se parte de um grupo.²¹ Ele está presente no conceito lacaniano de gozo: o Ideal responde ao gozo do Outro que inscreve-se no sujeito quando, via identificações, ele – o sujeito - reflete o desejo daqueles que o acolheram no mundo. Esta forma do sexual pode ser alienante na medida em que o sujeito, apreendido em uma malha imaginária que lhe promete tanto o reconhecimento narcísico quanto a ilusão identitária que acalmaria seu desamparo (*Hilflosigkeit*), anula-se como sujeito.

A situação hipnótica, produzida entre uma teoria e um sujeito em busca da Verdade que aplacaria suas angústias, ocorre a expensas do sexual dos Ideais. É também esta forma do sexual que instala o Mestre no lugar de tirano da horda, investindo-o do poder de fazer desta posição um instrumento político-ideológico. Nesta situação, qualquer tentativa de posicionar-se como sujeito, de ter opinião própria e de falar de igual para igual, é considerada heresia sob pena de excomunhão.

19 Em um texto de 2003 discuto as conseqüências da ausência de uma figura que ocupe o lugar do Ideal nos destinos pulsionais da criança do sexo masculino. (Ceccarelli, 2003)

²⁰ FREUD, 1921, p. 143.

Os Ideais criam filiações imaginárias que podem levar, como testemunha a História das Sociedades Psicanalíticas, a desdobramentos fratricidas. Em torno do Mestre organizam-se reivindicações narcísicas que abala a "união" entre os membros da Sociedade. Mais uma vez, as tendências antagonistas do ser humano afloram:²² constituir-se como "um", quer dizer, unir-se em comunidade e, ao mesmo tempo, reivindicar os privilégios de ser "UM" para ocupar o lugar de filho predileto do Mestre com todo custo que manter esta posição imaginária e idealizada, logo invejada e disputada, acarreta.

Transformar a teoria psicanalítica em uma seita é, igualmente, uma perversão do sexual do Ideais. Isto ocorre quando, em busca de representações psíquicas que aplaquem nossas angústias, sacralizamos conceitos teóricos transformando-os em dogmas, e fazendo da teoria uma prisão normativa. Como escrevi em outro lugar:

Agrupamo-nos segunda a forma de pensamento – que aqui ocupa o lugar do [mestre] – que nos parece a mais «correta». Mas, mais correta em relação a quê? Em relação aos modelos que, transferencialmente, melhor confortam nossas angústias. Podemos então falar de objetos internos, significantes constitutivos do sujeito, elementos alfa e beta, objetos transicionais. O que está em jogo aqui é a transferência para a teoria que melhor descreve nosso mito individual. Reagrupados em torno dela, criamos instituições que a utilizam em sua base teórico-clínica na tentativa de explicar o inexplicável, de dizer o indizível.²³

O grande perigo aqui é usar a descoberta freudiana não como um modelo teórico para compreender a circulação do desejo, mas como uma técnica para ditar como este desejo deve circular.²⁴ Comprometer-se com uma teoria, e não com o sofrimento do sujeito que procura análise, contamina a escuta do analista pois seus pacientes não se encaixam nesta teoria. Esquecer-se disto, é não levar em conta a pluralidade das apresentações, sempre enigmáticas, do sexual. Tal com Édipo frente à esfinge, cada um dá uma resposta, sempre original, frente ao enigma de sua sexualidade: não existe uma forma única de travessia edípica.

Damos pouco atenção ao fato de que as mudanças psíquicas produzidas no

21 Sobre o uso do sexual dos Ideais pela mídia, em particular pela televisão, Cf. CECCARELLI, 2001.

22 FREUD, 1930.

23 CECCARELLI, 1999, p. 54.

trabalho analítico não dependem de nossas crenças teóricas. Somos nós, e não nossos analisandos, que necessitamos de teorias para entendermos o que ocorre na relação analítica. Nossa metapsicologia nada mais é do que uma tentativa de colocar palavras no fato clínico. Talvez não tenhamos ainda suficientemente avaliado o paradoxo que existe entre nossas teorias e nossa prática psicanalítica.

A clínica constitui um terreno particularmente fértil para o afloramento do sexual dos Ideais. Como sabemos, as condições necessárias para a instalação de um processo analítico, ocorrem graças a reatualização de complexos infantis que a transferência propicia. A essência do trabalho analítico é a de descobrir o procedimento adequado para que o sexual aí presente transforme-se numa força ativa que permita o sujeito fazer o luto das identificações.

Entretanto, se esta reatualização instaurar, entre analista e analisando, uma relação idealizada, estamos diante de um efeito perverso do sexual dos Ideais. Para manter-se no lugar de objeto do gozo do Outro, que o analista supostamente encarna, o sujeito pode imobilizar-se em um narcisismo mortífero que o leva a renunciar as modificações que conseguiu graças à análise. Quanto ao analista, inebriado pelo lugar idealizado no qual foi colocado e esquecendo-se que a transferência é sempre um investimento imaginário, pode cristalizar esta situação onde tudo, menos uma análise, pode acontecer.

Finalmente, **o sexual narcísico** aparece quando Freud constata a existência, no fundo da alma humana, de um amor de si próprio por si próprio. O grande problema em relação a este sexual não é o fato do sujeito estar submetido ao gozo do outro, como é o caso do sexual dos Ideais. Mas, sim, o fato de que o amor de si por si pode gerar uma situação tal, que o sujeito encontre em si mesmo um gozo que o prescindia do outro. (Seria o autismo sua expressão máxima?)

Como as outras formas do sexual, o narcísico pode dar origem a desdobramentos perversos. O primeiro deles afeta diretamente a transferência: como utilizá-la quando a dinâmica da relação é pautada no narcisismo? Neste caso, o

24 Os riscos de se usar a psicanálise de forma normativa são muitos. Cf. CECCARELLI, 2002^a.

analista pode utilizar-se da situação analítica para elaborar feridas narcísicas. Ou ainda, para transformar o processo analítico em uma tentativa inconsciente de amar, e de sentir-se amado por seus pacientes, como gostaria de ter sido amado, esperando, com isto, continuar a ser idealizados por eles. Segundo Kernberg,²⁵ isto decorre de uma incapacidade do analista em separar seus próprios limites, incluindo os corporais, dos limites do outro. Ou seja, a transferência excessiva apaga a distância entre o sujeito e o objeto. O desejo de curar e o de ser curado são dois lados de uma mesma moeda.²⁶

O sexual narcísico, quando exacerbado, pode fazer com que o analista se julgue um "predador" onde qualquer cliente representa uma parceira, ou um parceiro, sexual em potencial. Outra vertente do "analista predador" é aquele que alcança os maiores níveis de reconhecimento profissional e, intoxicados pelo narcisismo daí advindo, crê ser superior ao ponto de racionalizar suas atuações.

Considerações finais

As questões apresentadas neste texto estão longe de esgotar a complexidade do tema. Devemos estar atentos a fim de evitarmos que, levados pelo sexual perverso, transformemos este debate em um exercício de voyeurismo que se limitaria a detectar os traços de perversão presentes em qualquer sujeito castrado, analista ou não, para a partir daí adotar uma crítica pejorativa que não traria nenhuma contribuição ao debate.

A proposta de uma reflexão sobre uma questão tão polêmica quanto pouco abordada é uma variante da recomendação de Freud segundo a qual todo analista, de tempos em tempos, deve retomar a análise. Esta preocupação é fundamental não só para nos interrogarmos sobre a nossa prática clínica, como também para revisar os pressupostos teóricos que a sustentam, e sobre os quais repousam nossas intervenções. Estaremos assim, contribuindo para o avanço da psicanálise.

²⁵ KERNBERG, 1997.

²⁶ GABBARD e LESTER, 1995, p. 87.

Referências Bibliográficas

- BONNET, G. Le sexuel freudien. Une énigme originaire et toujours actuelle. *Monographies de La Revue Française de Psychanalyse. Les troubles de la sexualité.* p.11-46 , 1993.
- BONNET, G. Des perversions sexuelles au sexuel pervers. *Psychanalyse à l'Université.* 19 (74). p. 73-90. 1994.
- CECCARELLI, P. R., Neo-sexualidade e sobrevivência psíquica. *Psychê, Revista de Psicanálise.* 2(2). p. 61-69, 1998a
- CECCARELLI, P. R., Potencialidades de Perversão. *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional.* 11(113). p. 79-82, 1998b.
- CECCARELLI, P. R., Identidade e instituição psicanalítica. *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional.* 12(125). p. 49-56, 1999.
- CECCARELLI, P. R., Sexualidade e Preconceito. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 3(3). p. 18-37, set. 2000.
- CECCARELLI, P. R., Os efeitos perversos da televisão. In: COMPARATO, C., MONTEIRO D, (org.) *A criança na contemporaneidade e a psicanálise. Mentes & Mídia: diálogos interdisciplinares.* São Paulo: Caso do Psicólogo, 2001.
- CECCARELLI, P. R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise,* 25(161). p. 88-98, 2002a.
- CECCARELLI, P. R. Aspectos legais, ético e políticos [da psicologia hospitalar]. *Revista de Psicologia Plural.* 17. p. 71-78, 2002b.
- CECCARELLI, P. R. May I call you father? *International Forum of Psychoanalysis.* 12(4). p. 197-295, 2003.
- CECCARELLI, P. R. As bases mitológicas da normalidade. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology on Line.* 2004.
<http://fundamentalpsychopathology.org/br>

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.3.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Op. cit. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7.

FREUD, S. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). Op. cit. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.9.

FREUD, S. Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921). Op. cit. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18.

FREUD, S. O mal estar da civilização (1930). Op. cit. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21.

FREUD, S. Esboço de Psicanálise (1938). Op. cit. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23.

GABBARD, G., LESTER, E., *Boundaries and Boundary Violations in Psychoanalysis*. New York: Basic Books, 1995.

KERNBERG, O., F., Boundaries and structure in love relations. *Journal of the American Psychoanalytic Association*. 25 p. 81-114, 1977.

LACAN, J. L'agressivité en psychanalyse. In : *Écrits*. Paris : Seuil, 1966. p. 104-124.

MCDOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

STOLLER, R. *La perversion: forme érotique de la haine* (1975). Paris: Payot, 2000.